



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

O IMPULSO METAFÍSICO NA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA
Itinerário da fenomenologia “afectiva” de Mikel Dufrenne

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa
para a obtenção do grau de doutor em Filosofia, especialidade de *Estética*

por

Carlos António Saraiva Bizarro Moraes

Sob a orientação do Prof. Doutor Mário Rosa da Silva Garcia

FACULDADE DE FILOSOFIA

DEZEMBRO - 2010

«Não é como Hegel diante da montanha, mas diante do homem contemplando a montanha que é preciso dizer: é assim. Mas poderá a filosofia aceitar ficar nisso? Poderá aceitar o veredicto kantiano segundo o qual, ainda que a exigência de uma metafísica seja irreprimível, e mesmo que a experiência metafísica seja afectivamente vivida, a metafísica é impossível?»

(Mikel Dufrenne, *LNAP*, 284-285)

«O objecto estético aparece no mundo como não sendo do mundo»

(Mikel Dufrenne, *PEE.*, I, 199)

AGRADECIMENTOS

- *Estou profundamente grato ao Senhor Professor Doutor Mário Garcia por ter beneficiado da sua orientação científica ao longo da pesquisa e da composição desta dissertação. As suas críticas foram sempre oportunas e perspicazes.*
- *Estou também grato ao Professor Doutor Alfredo Dinis pelo apoio que me deu enquanto Director da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa. Na sua pessoa, agradeço a esta Escola, à Comunidade Educativa alargada de que faço parte – a todos os Docentes, Funcionários e Alunos – e em especial aos inesquecíveis Mestres Jesuítas de cuja companhia intelectual, afectiva e física tive e tenho o privilégio de beneficiar.*
- *Dedico este trabalho à minha família, agradecendo a delicada paciência por tão longa espera.*
- *Não teria conseguido concluir este estudo sem o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e do Fundo Social Europeu no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio. Agradeço, por isso, a Bolsa de Investigação (Praxis XXI/BD/18255/98) que me foi concedida.*

RESUMO

A presente investigação centrar-se-á na obra de Mikel Dufrenne dedicada à reflexão estética, especialmente naquela em que o autor explicita mais sistematicamente a sua concepção de experiência estética. Pretende-se averiguar se, nos limites dessa concepção, admite a possibilidade de uma dimensão metafísica interior ao processo da vivência estética, e em que bases filosóficas estabelece essa possibilidade.

Sendo uma hipótese controversa, esperamos assim, modestamente, contribuir para a valorização crítica do legado estético e filosófico que Mikel Dufrenne nos deixou através da sua estimulante obra, no ano em que se comemoram o centenário do seu nascimento e os quinze anos da sua morte (1910-1995). Mais amplamente, é nosso desejo – através das pistas daquele autor – trazer de novo para o miolo do debate estético as instâncias da reflexão ontológica e metafísica que têm sido secundarizadas desde que as vagas do relativismo pós-moderno invadiram o debate cultural e filosófico.

Seguiremos o autor na fixação de uma versão fenomenológica da estética, a fim de sublinhar que já nesse projecto conceptual é possível encontrar opções metodológicas e sistemáticas originais que apontam para a presença de um “impulso” que rompe com as delimitações categoriais do vivido.

O alinhamento temático que proporemos nos capítulos dois e três pretende consolidar a imagem de uma experiência estética que evolui gradualmente para patamares mais intensos e profundos da vivência, e cujo âmbito de implicação fenomenológica, antropológica e ontológica nos consolida a convicção de estarmos diante de uma seiva metafísica que a alimenta.

Contudo, estamos conscientes de que Dufrenne hesitou bastante no momento de traduzir filosoficamente este horizonte de sentido metafísico da experiência estética. Este facto também terá contribuído para que outros intérpretes fossem levados a formular leituras bastantes discrepantes daquela que aqui propomos. Porém, tal como pretendemos mostrar no último capítulo, não é este défice de explicitação que nos impedirá de encontrar os frutos estéticos e afectivos, espirituais e intelectuais que provêm da experiência estética fluidificada pela abertura metafísica, ou seja, pela abertura ao absoluto.

Dado apresentarmos essas conclusões, estamos convictos de que o itinerário de Mikel Dufrenne, enquanto fenomenólogo, ficou mais completo e credível.

ABSTRACT

This research will focus on the works of Mikel Dufrenne devoted to aesthetic reflection, especially on those where the author elucidates more systematically his notion of aesthetic experience. It is our intention to find out whether, inside the limits of this conception, he admits the possibility of a metaphysical dimension within the processivity of an aesthetic experience, and on what philosophical foundations he establishes that possibility.

Being a controversial hypothesis, we hope to modestly contribute to the critical enhancement of the philosophical legacy that Mikel Dufrenne left us through his thought-provoking work as we are celebrating the first centenary of his birth and fifteen years of his death (1910-1995). More broadly, it is our purpose - through the clues given by the author - to bring back to the core of aesthetic debate the instances of ontological and metaphysical reflection that have been underestimated, since the waves of postmodern relativism invaded the cultural and philosophical debate.

We will follow the author in setting up a phenomenological version of the Aesthetics in order to stress that, already in that conceptual project, it is possible to find methodological and systematic original choices, which point to the presence of a "surge" that breaks off the categorical boundaries of the experienced.

The thematic alignment that we propose on chapters two and three aims at consolidating the image of an aesthetic experience that evolves gradually to more intense and profound levels of experience, and which scope of phenomenological, anthropological and ontological implications strengthens the conviction that we are in the presence of a metaphysical sap that nurtures it.

However, we are aware that Dufrenne hesitated long enough when it came to translate philosophically this horizon of metaphysical meaning of the aesthetic experience. This fact also has probably led other researchers to formulate interpretations that are significantly discrepant from the one that we propose. Nevertheless, as we intend to show in the last chapter, it is not this lack of explicitness that prevents us from finding the aesthetic and emotional, spiritual and intellectual fruits coming from the aesthetic experience, fluidized by a metaphysical openness to the absolute.

As we present those conclusions, we are convinced that the path taken by Mikel Dufrenne, while phenomenologist, became even more comprehensive and credible.